

# PRELÚDIO A UMA NOVA SEÇÃO: A PSICANÁLISE, A VOZ, A MEMÓRIA E AS MUSICALIDADES

*Renata Mattos-Avril<sup>1</sup>*

## PRIMEIROS ACORDES: A VOZ, A MÚSICA E A MUSICALIDADE NA PSICANÁLISE

A psicanálise permite ouvir significantes inconscientes. A música permite escutar a articulação que há entre significantes, os significantes puros que são as notas de música. Essa articulação tem um nome: ritmo. Há imediatamente um enigma. Se a proposta que faço é verdadeira, a de que a música permite ouvir um ritmo, é porque esse ritmo, essa escansão, preexiste, e um terceiro ouvido em nós o ouve. (Alain Didier-Weill)

A voz e suas infinitas variações, sob o prisma da psicanálise. Ou, ainda, o objeto voz e suas articulações com o sonoro, o musical, o artístico, a palavra, o discurso, a memória, a clínica, o sujeito, o Outro, a política, o laço social, a criação, a vida ...

Poderíamos anunciar deste modo a temática da nova seção de Psicanálise & Barroco em Revista que estamos aqui inaugurando. Uma abertura e um convite a escutar, a acolher, a trabalhar e a compartilhar as produções teóricas sobre o campo da voz e de suas ressonâncias, sejam por psicanalistas ou por filósofos e pensadores atuais atravessados pela ética psicanalítica.

Desde o primeiro momento da concepção da ideia de tal espaço – tão importante e necessário, tendo em vista o lugar da voz na constituição do sujeito e a dimensão originária da pulsão invocante –, eu estava habitada por uma espécie de “utopia da circulação da voz...” um desejo de reunir e de estabelecer um diálogo entre diversas vozes, entre diversos e diferentes autores – consagrados ou ainda desconhecidos dos leitores –, entre diversas reflexões sobre o objeto voz, suas expressões artísticas (sobretudo na música e na poesia, na escrita literária, mas também na dança, nas inscrições artísticas nos muros das cidades, em toda arte

---

<sup>1</sup> Psicanalista, musicista amadora. Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com Pós-doutorado pela Université de Nice Sophia Antipolis. Pesquisa a conexão entre psicanálise e música, com acento na dimensão da voz e da musicalidade na constituição dos sujeitos e na clínica analítica.

que possa fazer ouvir a voz) e clínicas (da musicalidade da palavra e de lalíngua ao saber-fazer com o objeto a<sup>2</sup>).

Podemos ousar dizer que uma das “vocações” da invocação da voz é esta de criar e re-criar laços. Seja do sujeito com a sua própria memória e história, permitindo que ele seja artesão de uma nova posição subjetiva e às vezes até da irrupção de um radicalmente novo, de um nunca antes ouvido. Seja do sujeito com o Outro da linguagem e com os outros, a partir da escuta da singularidade de cada um. Além também de considerar as reverberações musicais e barulhentas do Outro, tanto na constituição do sujeito, quanto de uma cultura, a partir dos ditos traços de memória. É pela memória, consciente e inconsciente, de uma musicalidade em nós e da voz inesquecível do Outro que o sujeito é levado a criar, a falar, a ir além da repetição do mesmo.

Propor um espaço de encontro em torno da voz, da música e da psicanálise me enviou igualmente, em um momento inicial, ao meu próprio encontro com a concepção lacaniana de objeto a em sua incidência de voz. Na época de minha Especialização em Psicanálise e Laço Social pela Universidade Federal Fluminense, em 2003, as pesquisas que eu realizava desde a Graduação na mesma universidade sobre a articulação entre psicanálise e música puderam ganhar uma nova e intensa luminosidade. Maria Lidia Arraes Alencar trabalhava, então, em sua disciplina o conceito de sublimação a partir do seminário lacaniano “A ética da psicanálise”. Foi assim que conheci não apenas o conceito de objeto voz mas também a obra de Alain Didier-Weill.

Musicista amadora e melônomia, como permanecer indiferente a este encontro? Com ele, tudo basculou em meu percurso junto à psicanálise. Neste momento, “Os três tempos da Lei” e “Invocações” de Didier-Weill dialogavam em

---

2 Na psicanálise lacaniana, os conceitos de lalíngua e de objeto a são fundamentais para melhor compreender a relação entre o sujeito e o Outro, sendo este último o campo da linguagem, de uma radical alteridade, do qual o sujeito deve se separar para poder advir. Nesta operação de separação, há um resto, o objeto a, objeto perdido quando da constituição do sujeito, tendo, topologicamente uma face real, uma simbólica e uma outra, imaginária. Desta forma, ao longo da teoria lacaniana, o objeto a será concebido como agálma, como objeto causa de desejo e como mais-de-gozar. No momento originário e, portanto, mítico da constituição do sujeito, a linguagem a ele chega através do Outro, pela voz materna (sendo a mãe entendida como uma função), e será primeiramente ouvida por sua lalação, seu aspecto sonoro-musical, tendo-se aí a ênfase no gozo e na transmissão da invocação dupla à alienação-separação. A linguagem, neste tempo, não é ainda ouvida como língua e sim como alíngua, lalangue, como dirá Lacan com seu neologismo. Assim, lalíngua não se preste à comunicação, à compreensão, à inteligibilidade. E é assim que esta dimensão permanecerá no sujeito. É apenas a posteriori, com a inscrição de um significante mestre (S1) que iniciará a cadeia significativa, que a linguagem passará a ser escutada como tal, organizada em torno de um vazio real, e que o sujeito poderá advir como falante.

mim com um curto e esclarecedor artigo de Maria Lidia, “Da voz à música: o grão e o resto”. Treze anos depois, em 2016, me veio uma ideia: convidar Maria Lidia a elaborar duas ou três questões a Alain Didier-Weill para dar a cor e a tonalidade deste espaço dedicado à voz, à música, às musicalidades e à memória nesta Revista.

Seria, mais do que isso, uma ocasião de tornar possível e tangível a utopia (na concepção de Ernest Bloch e Robert Mishari, por exemplo) e o desejo (segundo Lacan) da circulação da voz. Para tanto, a colaboração de Cristiane Cardoso para a intermediação desse “diálogo”, recolhendo, instigando e transcrevendo as palavras de Didier-Weill, foi fundamental. Ressalto ainda o entusiasmo e a generosidade de Denise Maurano, que acolheu de imediato essa proposta e a fez permanecer acessa em mim durante os últimos dois anos.

Se, como nos diz Didier-Weill com beleza e precisão, “a psicanálise permite ouvir significantes inconscientes” e “a música permite escutar a articulação que há entre significantes, os significantes puros que são as notas de música” a partir do ritmo, como podemos pensar o trabalho do sujeito em torno da voz, ritmando o gozo com a musicalidade que nele resta e que insiste? Seria o ritmo do desejo que possibilita este ato? Desejo do Outro que invoca o desejo do sujeito? No caso em que o vazio da voz não pôde ser criado, quando a voz não foi incorporada, a musicalidade da palavra – escutada como “chuva de significantes”, conforme Lacan, e que precipita lalíngua – poderia recolocar a estes sujeitos a possibilidade de um fazer com a invocação originária do Outro?

O que se escuta da chuva de significantes cria, para cada sujeito, uma espécie de música particular, que inscreve um ritmo próprio, um timbre e uma voz singulares; isto quando é possível responder ao enigma mais primordial do Outro, “Che vuoi?”, “Que queres?”. Tomar uma posição diante deste enigma, com a resposta ao real que é o sujeito, é igualmente aceitar o convite da pulsão em sua face invocante, assim colocada em ação, sem cessar, ainda que ela possa se mostrar por vezes silenciosa.

Constituir-se como sujeito desejante é dizer sim à invocação de tornar-se humano que é transmitida nessa chuva inaugural, chuva ouvida inicialmente como lalíngua para, só depois, advir o significante quando o sujeito toma a palavra.

Não é apenas na constituição do sujeito que a voz tem seus efeitos na relação entre o sujeito e o Outro. A voz, enquanto litoral entre estes dois campos

heterogêneos permanece colocando ao sujeito a dimensão sempre enigmática de seu próprio desejo, fundado do desejo do Outro, comparecendo igualmente naquilo que, em sua fala e atos, o excede.

Dessa música inicial, restará uma dimensão igualmente musical e, além disso, poética que se atualizada em cada sujeito direcionando-o em um movimento pulsante de musicar a vida. E quando, porventura, tal movimento encontra-se estancado, suspenso, o trabalho de uma análise pode aí se enlaçar e ter efeitos na medida em que tem como uma de suas funções recolocar em cena a invocação da voz. Orientada pelo real, uma análise pode levar o sujeito a re-escutar o convite à criação que é de saída colocado ao sujeito: criação de si pela re-criação com e da linguagem. Invocante, uma análise se dá pela dimensão poética – de poiesis – da linguagem, em direção a um mais além dela mesma, e sustentada pela posição singular daquele que fala e que, em análise, trabalha.

O terreno que aqui propomos abranger é vasto. O desafio está lançado. Começaremos, então, esta seção da Revista, que a cada novo número passa a acolher artigos em torno do tema proposto. Começamos com grande estilo: Alain Didier-Weill, o grande expoente no desenvolvimento do tema da pulsão invocante, proposta por Lacan, retoma ao seu modo as questões que lhe foram colocadas por Maria Lídia Arraes Alencar. Apresentaremos a reflexão de Didier-Weill tal como foi elaborada, em francês, e também traduzida para o português.

Nesse momento isso ganha uma dimensão ainda maior diante da perda súbita que tivemos desse grande criador. Alain Didier-Weill faleceu recentemente, em 16 de novembro, para tristeza de todos nós. Assim, esse pequeno texto inédito é aqui apresentado após a sua morte, que, se deixa no campo da psicanálise, e da cultura em geral, um enorme vazio, deixa também algo de sua voz que reverberará para sempre nas suas diversas criações, psicanalíticas e artísticas, deixando para nós um legado incomensurável.

O campo de pesquisa e reflexão em torno da voz, da musicalidade e da música sob a ótica da psicanálise lacaniana foi certamente inaugurado e amplamente encaminhado por Alain Didier-Weill. A pulsão invocante é seu fio condutor e propulsor. E é importante aqui lembrar que foi ele quem Lacan, na lição de 21 de dezembro de 1976 do seminário *L'insu que sait de l'une bévue s'aileà mourre*, convidou a falar de improviso sobre este tema. Nesta ocasião, Didier-Weill se valeu da música e da escuta musical para apresentar uma teorização complexa e

profunda sobre os três tempos da pulsão invocante, que viria a aparecer posteriormente no livro “Lila et la Lumière de Vermeer”.

Se escutarmos com atenção este ato-convite de Lacan, podemos nele perceber uma aposta e uma confirmação simbólica de que o pensamento de Didier-Weill já tinha efetuado os três tempos do circuito da invocação: ouvir, ser ouvido e se fazer ouvir. É deste lugar que sua obra nos fala e nos move, recolocando em cena, a cada leitura e interlocução, a função da voz e da pulsão invocante para o sujeito.

Então, para abertura dessa seção, escolhemos essa provocação na qual Maria Lídia coloca três questões à Didier-Weill, como pistas de reflexão. Dar a ler e a ouvir as palavras deste psicanalista e artista ímpar torna-se, assim, uma homenagem à sua memória. Mais que isso, um modo de fazer ressoar a voz invocante de Didier-Weill, que continuará a nos pôr em trabalho.

Recebido em: 02-08-2018

Aprovado em: 18-08-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanalisebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanalisebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)